

"Nunca em nosso nome!"

Estive no Iraque antes de Saddam Hussein ser presidente. Sistema ditatorial, violação dos direitos humanos. Apogeu da riqueza vinda do segundo choque petrolífero. Ao mesmo tempo, o estado árabe mais laico que conheci. Uma comunidade católica acolhedora e de espírito religioso profundo.

Atribuo o fundamentalismo religioso à I guerra do Golfo. Parecia uma guerra de religião mas não era. Receio que as consequências de uma nova guerra desencadeiem, então sim, uma terrível onda de fanatismo religioso.

Este tipo de fanatismo religioso é sempre o resultado de um vazio sem apelo. É uma ideia mítica da religião. Paradoxalmente, afasta da religião e dos seus fundamentos. E, por isso, usa a religião como um meio. Vai tornar-se mais fundo o fosso entre o Islão e o Cristianismo.

DEMOCRACIA DIRECTA GLOBAL

1 As notícias que tivemos nas últimas semanas sobre as grandes manifestações em mais de 600 cidades de todo o mundo abriram o caminho a uma nova dimensão da democracia. Não se tratou de opinião pública indiscriminada. Não, não foi uma mera expressão da opinião pública. A opinião pública não se mede para além do instante em que tem expressão.

Tratou-se sim de **democracia directa global**.

Fruto da globalização.

Fruto da democracia directa.

Da globalização porque não teria sido possível a sincronia dos esforços e o simbolismo da onda que percorreu o planeta sem os meios científicos e tecnológicos que estão na base da globalização. (Por isso, como é ridículo e ignorante quem nos chama anti-globalização! O que dizemos sobre a globalização corresponde à necessidade de mecanismos reguladores em todas as áreas e de um exercício mais pertinaz e lúcido da soberania de cada povo.)



Fruto da democracia directa porque a última década viu engrossar a necessidade e a coragem de os cidadãos participarem mais na democracia. E na sequência das grandes conferências da ONU, um interesse crescente de todo o tipo de organizações pela organização do mundo.

Desde a grande jornada do dia 15 em que tantas tribus se juntaram a caminho da paz, a democracia directa global começa a balbuciar o seu nome.

Há que transformar a presença no dia 15 numa convergência de movimentos sociais, culturais e políticos. Há que construir uma plataforma, onde todos têm lugar, não no denominador comum do consenso mas segundo a inteligência e força de participação de cada. É urgente a tarefa difícil de erguer a plataforma. Precisar-lhe o ideal. Conferir-lhe consistência. O seu nome é PAZ.

DESÍGNIO IMPERIAL DOS EUA

2. A admin. Bush vive de tal modo a sua auto-imagem de país hegemónico que comete o erro de imaginar que as suas contínuas mentiras, os seus argumentos escorregadios para a velha Europa – que na sua civilização tem o saber pensar como esteio da existência humana – que todas essas falácias não são compreendidas pelos cidadãos dos outros países!

Surpreendemo-nos em cada dia com factos e palavras que tornam a situação do mundo cada vez mais complexa e incompreensível. Na sua intenção desesperada e fanática de justificar uma guerra cada dia mais injustificável, a Admin. Bush ultrapassou as medidas.

Por isso, ergue-se no mundo a consciência de que não são só os objectivos desta guerra que devem ser sujeitos a um escrutínio jurídico e moral mas também os meios para os alcançar. Será legítimo, p.ex., que membros da Admin. Bush percorram o planeta para encontrarem os presidentes de alguns paupérrimos países que fazem parte neste momento do Conselho de Segurança e tudo prometam para tentar "comprar" assim o seu voto?



ORDEM INTERNACIONAL DO PETRÓLEO

3. Já sabíamos a dependência do mundo dos EUA no plano económico. Já sabíamos a ameaça ambiental do petróleo. Mas é com a guerra contra o Iraque que o petróleo é assumido como de interesse vital para os EUA. Quem possuir petróleo a preço barato tem o maior poder – nervo da economia moderna e da guerra. Para o poder hegemónico dos EUA interessa o controle de hoje e a confiança em poder controlar o futuro:

- garantir o abastecimento
- proceder a uma redistribuição do domínio petrolífero em benefício das companhias americanas
- colocar-se de tal maneira que possa influenciar o preço do petróleo
- assegurar estes objectivos com a sua presença militar na região



Assim, os EUA serão os únicos garantes da segurança da região e dos fluxos de abastecimento vital para toda a economia mundial. Os vários institutos estudando o futuro.

A seguir à I guerra do Golfo, Bush pai falou sem cessar de uma "nova ordem Internacional".

Se a guerra for inevitável podemos dizer que essa ordem está desenhada. Atingiu-se o PAROXISMO DA NOVA ORDEM INTERNACIONAL DO PETRÓLEO OU, MAIS CLARAMENTE, DO DINHEIRO.

A nova ordem tem vindo a conduzir-nos a um período de intenso materialismo – o objectivo último é materialismo, os efeitos colaterais também o são.

Está ligado à nossa própria atitude: também nos tornamos materialistas:

- no consumo
- em vias tortuosas de conseguir bens
- na corrupção em todos os sectores

((A paz é uma luta ctra nós mesmos:

- não indo além de 90Km/h
- renunciar aos veículos com uma cilindrada maior que 1.500
- reduzir o percurso automóvel a 5000 Km/ano.)))

A PAZ AOS OLHOS DE AMERICANOS

Gostaria de terminar dando a palavra aos americanos, a um americano da vida política. São as palavras finais de um excelente discurso feito pelo Senador Robert Byrd:

"Todos compreendemos o choque e a raiva de qualquer presidente depois do ataque selvagem de 11 de Setembro.

Todos percebemos a frustração de ter perseguido apenas uma sombra e um inimigo amorfo que não se pode encontrar cara a cara.

Mas carrear a frustração e a raiva no caos de uma desestabilizadora e perigosa política externa não tem desculpa da parte de uma qualquer admin. que tenha o terrível poder e a responsabilidade de guiar a maior super-potência do planeta. Algumas das palavras desta adm. São escandalosas. Não há outra palavra.

E contudo este Senado continua silencioso. Nas vésperas do que será matar e fazer sofrer uma população de uma nação em que mais de 50% têm menos de 15 anos, esta camara está silenciosa.



Fundação Cuidar o Futuro

Esta guerra não era necessária nesta altura. Pressão do exterior parece ter algum efeito no Iraque. O nosso erro foi colocarmo-nos tão depressa na posição de ataque. O desafio é tentar encontrar uma maneira honrosa de sairmos do tunel que construímos. Talvez haja ainda um caminho se nos dermos mais tempo."

4. Os vários institutos que se dedicam